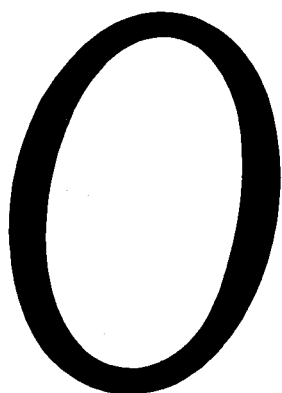


# IDENTIDADE, CULTURA E EDUCAÇÃO

**Maria de Lourdes Teodoro  
Da Universidade de Brasília**



O primeiro aspecto do conceito identidade é a relação que ele pressupõe entre dois termos: sejam dois indivíduos, duas sociedades, duas ou mais culturas. Na constituição de uma identidade integrada é sabido que compreender-se, compreender o outro, conhecer a identidade do mundo exterior e ser compreendido, isto é, ter uma identidade conhecida e reconhecida formam uma só configuração.

Assim, a configuração da identidade de um grupo étnico só surge na sua relação e confrontação com outro ou outros grupos étnicos.

O século XX tem visto o ressurgimento das identidades étnicas como uma resposta de grupos dominados a situações de opressão. Poderíamos lembrar os casos da Índia, da Espanha, do Brasil. Nesses casos, a afirmação da identidade passa por um aprofundamento teórico e prático da especificidade de cada um.

O conjunto de valores culturais, o sistema simbólico e o pacto semântico resultantes são elementos indicadores da diferença cultural, mobilizados no processo de afirmação da identidade. De um modo geral, as características raciais são invocadas nos contextos em que o grupo vê negada, também, sua condição humana ou a vê desvalorizada por um outro grupo étnico.

Um grupo étnico só é efetivamente valorizado quando passa a usufruir dos mesmos direitos civis (acesso a emprego, moradia, educação, saúde e posse da terra) dos demais grupos em presença, além de ter seus aspectos físicos e culturais tratados com igualdade. Em uma sociedade estratificada em clas-

ses, tal grupo deve estar proporcionalmente representado em todas as classes sociais. No mercado de trabalho, tal grupo deverá estar representado desde a mais alta até a mais baixa hierarquia, como ocorrerá com os demais grupos. Quando ele está representado, sobretudo, na classe baixa, este fato identifica sua situação de marginalização, como ocorre com o grupo negro no Brasil. Nessa situação, a marginalização costuma se refletir em todas as esferas da organização social: na educação, nos meios de comunicação de massas, na linguagem (visual e sonora), na literatura etc. Um exemplo extremo das conseqüências da marginalização de um grupo étnico é o caso da África do Sul.

A ideologia, a religião, a música, a dança, a moda, os hábitos alimentares, a concepção de beleza, as cerimônias fúnebres, os rituais de casamento, os conceitos históricos de origem (mitos, lendas ou personagens reais) são alguns elementos mobilizados em um processo de identificação cultural.

Em uma cultura multi ou pluri-étnica, esses fatores sofrem variações de um grupo a outro. Mas, se esses grupos têm em comum o espaço territorial de uma nação, vivem conforme as leis de um mesmo Estado, regidos pelas mesmas instituições políticas, tais diferenças não lhes devem impedir a prática de sua especificidade cultural, pois tal impedimento equivaleria à sua inferiorização criando-lhes problemas de identidade, cujas conseqüências ameaçariam o equilíbrio do próprio Estado, já que reduziria a capacidade de produção e de realização individual dos seus cidadãos.

A soma das identidades individuais forma, dentro de um contexto determinado, a identidade cultural de um grupo étnico ou de uma sociedade. Ela se transmite pela cultura, pelo ensino, pela educação. Daí a necessidade do sistema educacional levar em conta as diversidades que compõem uma mesma cultura a fim de não criar problemas de ordem psicológica nos educandos.

Todos queremos ser aceitos e precisamos nos sentir aceitos pela sociedade. O sentimento de rejeição decorrente de um sistema educacional discriminatório é um dos dados relevantes da evasão escolar que nunca é levado em conta em um país como o Brasil, pois a ideologia dominante, internalizada pelos professores, não é sensível às diferenças no sentido de respeitá-las, mas apenas no sentido de apontá-las como "perigosas" ou "lamentáveis" para o seu ideal de cultura.

As reformas na educação, observa o crítico literário Antônio Cândido, não geram mudanças essenciais na sociedade, porque não modificam a sua estrutura e o saber continua mais ou menos como privilegiado. São as revoluções verdadeiras que possibilitam as reformas do ensino em profundidade, de maneira a torná-lo acessível a todos, conclui ele. A educação pode, contudo, ser a ponta-de-lança da transformação social.

Sendo a educação a técnica privilegiada para a transmissão de valores culturais, é fundamental para

a identidade nacional que ela respeite a riqueza que caracteriza o país, através da contribuição de seus vários grupos étnicos.

Nos países em que o tráfico da mão-de-obra fez do negro um dos componentes da população, este enfrenta dificuldades específicas no processo de afirmação da sua identidade. Tais dificuldades diferem das encontradas nesse campo pelo africano, pelo europeu, pelo asiático etc. Todavia, sabe-se que todos os europeus não se consideram iguais por pertencerem à raça branca, nem tampouco, todos os africanos se consideram iguais por pertencerem à raça negra ou ao tipo árabe, assim como os asiáticos não se descrevem como iguais por uma generalização de ordem racial. É a cultura (com o seu sistema de valores, sua língua, sua educação) que manifesta, para si e para os outros, suas especificidades.

No contexto nacional, as diferenças regionais da cultura brasileira — bem como as diferenças étnicas, fenotípicas, religiosas etc. — condicionam as relações sociais e vazam o sistema de valores da cultura brasileira. Todavia, se vemos atualmente, em diferentes regiões do país, negros, índios e amarelos organizarem o discurso sobre sua própria identidade e reivindicarem sua especificidade de grupo étnico-cultural, tal elaboração decorre muito mais da opressão de que é vítima a diferença, em relação ao padrão dominante, do que da consciência de constituírem uma cultura a parte.

## Identidade e Educação

Desde a nossa mais tenra idade, nós nos afirmamos como seres humanos porque ao nosso redor, outras pessoas — nossos semelhantes — agem e servem de modelo para nossa própria formação. Em função do processo de formação de sua personalidade, o indivíduo tornar-se-á sujeito: compreenderá em que e porque ele é como os demais ou difere dos demais membros de sua sociedade. Ele formará seu espírito crítico e inaugurará sua capacidade de desejar e de reivindicar seus direitos de cidadão, simultaneamente ao reconhecimento do outro. Para o indivíduo em idade escolar essa relação é capital. A escola não poderá reconhecê-lo, admitir sua utilidade na sociedade, demonstrar o desejo de que o indivíduo seja plenamente o sujeito de sua história individual e de seu desempenho social, se esse indivíduo não recebe (dentro do conteúdo da educação) os meios para realizar sua identificação positiva consigo mesmo e com sua cultura.

A afirmação do ser humano é, portanto, um fenômeno sócio-cultural. É o contexto sócio-cultural (família, rua, bairro, escola, livros didáticos, meios de comunicação de massa) o responsável pelo processo de identificação. Logicamente, diferenças raciais, étnicas, fenotípicas e regionais não podem, ou não devem, impedir a realização da identificação positiva com a cultura nacional.

Os grupos étnicos marginalizados no contexto brasileiro (não dispondo de um espaço físico aglomera-

rador de sua identidade étnica) tenderão a “resolver” o impasse resultante da negação de alguns de seus valores fundamentais, projetando-se no modelo cultural dominante. Entretanto, as crianças desses grupos, sem estrutura psicológica para tal mecanismo de adaptação, tenderão a abandonar o campo de repressão de sua imagem (física e simbólica) — *a escola* — e serão freqüentemente consideradas “especiais” e/ou “excepcionais”, negativamente falando. Por um processo negador de certos valores culturais brasileiros, o sistema educacional pode contribuir de modo totalmente negativo para a cultura brasileira, em geral, perdendo o sentido de sua função específica que é a de formar cidadãos plenos, isto é, conscientes de seus direitos e deveres no seio da sociedade. Por um tal desvio, ela formará fatalmente identidades individuais desequilibradas. No caso brasileiro, respeitar a diferença significa preservá-la e promovê-la como parte integrante e fundamental de um conjunto positivo de valores.

## Trabalhar com as Diferenças

Um país que conhece a colonização, se conhece primeiro no discurso do outro, do colonizador. É ao dizer *não* à imagem que lhe propõe o colonizador que ele inicia seu próprio discurso sobre si mesmo e, automaticamente, sobre o outro. E só quando é ouvido e reconhecido em sua diferença, estabelecida de seu próprio ponto de vista, é que realmente sua identidade vai tomando forma e transparecendo em sua especificidade. (o Modernismo brasileiro é, nesse sentido, o marco maior da identidade brasileira). Essa relação é semelhante entre dominantes e dominados. Assim, nós negros, nos conhecemos primeiro no discurso do branco, e só quanto percebemos o modo como tal sistema nos exclui é que dizemos *não* a ele e iniciamos o conhecimento de nós mesmos, de nosso próprio ponto de vista.

Entre nós, as diferenças têm sido admitidas na proporção exata em que são inferiorizadas por meios, às vezes, mais requintados, às vezes, abertamente etnocêntricos. O etnocentrismo em um país formado por vários grupos étnicos é negador da identidade nacional. Vindo dos grupos dominados ele tem significado a única forma de organizar uma luta pela sobrevivência do grupo em questão. Vindo da elite, ele tem significado uma das formas com que o grupo dominante assegura a manutenção do *status quo* e impede a realização da democracia brasileira.

## A Propósito do Pacto Semântico

A semântica geral, estuda as relações entre as palavras e as coisas, isto é, entre a linguagem, o pensamento e a conduta; ela procura estabelecer os princípios de tais relações.

Os valores culturais formam a estrutura social em suas bases materiais, éticas e espirituais. O siste-

ma simbólico revela a organização de tais valores no sentido unificador onde — através da linguagem gestual, visual, sonora (escrita e falada) — ficam estabelecidas maneiras de ver o mundo e de estar nele. Daí, resulta a exteriorização do pacto semântico, isto é, a maneira pela qual nos identificamos ou não com os valores culturais humanos.

No estudo da gramática, pensar a expressão é a última fase de trabalho. Na experiência individual, só a maturidade, a especialização, o hábito de recepção crítica levam o indivíduo a refletir sobre a linguagem que absorve em casa, na escola ou através dos meios de comunicação de massa. Daí, uma certa normalidade que consiste na aberração de um indivíduo ter preconceitos negativos contra si mesmo ou contra seu grupo étnico; é que, antes de mais nada, ele é um ser humano dentro do mesmo processo cultural do seu opressor. Ele participa do mesmo pacto semântico, até que se instale nele o espírito crítico e a necessidade de re-identificação. Assim, a força de um pacto semântico decorre não só de um conjunto dominante de valores culturais, mas também do reduzido hábito de pensar: de receber criticamente.

Independentemente do grau de escolaridade (pesquisador, estudante, universitário, analfabeto, criança, adolescente, adulto), os indivíduos se encontram nele e reproduzem o pacto semântico, sendo raros os que o questionam ao longo de suas vidas.

Nesse momento em que se quer repensar a nacionalidade — refazendo ou elaborando uma nova Constituição — é necessário pensar naqueles que compõem essa nacionalidade: não somos todos brancos. É necessário ter presente o fato de sermos vários grupos étnicos a constituir a nação brasileira.

O pacto semântico que caracteriza nossa nacionalidade tem que respeitar as diferenças e, desde o 1º grau, a criança tem o direito de ser vista e de ser levada a ver-se como parte valorizadora desse todo, qualquer que seja sua característica física, qualquer que seja sua cor.

Para tanto, não é necessário que tenhamos quatro livros de História do Brasil: o dos indígenas, o dos brancos, o dos negros e o dos amarelos. Mas uma História do Brasil onde todos tenham seu peso na formação da nacionalidade. Os heróis negros precisam ser reconhecidos como heróis brasileiros, terem suas imagens físicas e seus feitos nos livros didáticos. Os heróis de cada um devem ser os heróis de todos. Nenhum povo afirma realmente sua identidade se essa afirmação não tiver densidade histórica.

Ao fazer uma palestra sobre identidade em Brasília, uma mãe colocava a dificuldade que enfrenta ao educar seu filho, buscando a construção de uma identidade positiva. A dificuldade maior se deve ao fato de que os valores transmitidos pela educação familiar são negados no contexto escolar e pelos meios de comunicação de massa. Ela dava o exemplo de uma redação que a criança devia fazer. Ela sugerira que ele escrevesse sobre Zumbi dos Palmares (herói da resistência e oposição à escravidão). A criança ar-

gumentava que seria inútil pois a professora não aceitaria. A mãe considerava que cada nova informação que dava à criança era como uma bomba colocada em seu bolso. Em termos nacionais esse tipo de problema não poderá encontrar a solução humana se as *secretarias de educação nos estados e municípios*, se o *Ministério da Educação* não se atribuírem a responsabilidade de transformar a realidade do nosso pacto semântico, assim como nos querem dentro de um certo pacto social.

## Transformar nosso Pacto Semântico

Para concluir, lembro a importância do pacto semântico que decorre do conjunto de valores culturais e do sistema simbólico brasileiros.

A sociedade brasileira (incluindo negros e não negros) é extremamente conservadora e, como toda sociedade conservadora, detesta mudanças conscientemente orientadas. É necessário um esforço para aceitar o outro, para perceber que a identidade de cada um só tem a ganhar com a visão justa e respeitosa do outro. E em termos globais jamais saberemos que país é este enquanto quisermos fazer de conta que o Brasil é a Europa nos trópicos. Em termos de nacionalidade o que nos une é mais importante que o que nos separa.

Entre os fatores que enumeramos como elementos de identificação cultural, vamos retomar alguns, repensando nosso pacto semântico: concepção de beleza, conceitos históricos de origem e a língua.

### Conceito de beleza

O pacto semântico brasileiro que inclui os valores dos diversos grupos étnicos como positivos deve se apoiar em material didático e pedagógico onde negros (morenos, mulatos, pardos, mestiços...), índios (mamelucos, cafuzos, mestiços...), amarelos (nisseis, mestiços...) e brancos (loiros, brancóides, mestiços, da terra...) tenham representadas suas imagens de brasileiros, na execução de todos os tipos de tarefa que nossa cultura, nossa civilização pressupõe e requer. Nas ilustrações dos livros didáticos, em todos os níveis (do maternal à universidade) e em todas as áreas do conhecimento (Comunicação e Expressão, Biologia, História, Português, Física, Química, Organização Social e Política Brasileira, Direito, Educação e Saúde, Psicologia etc.), a mulher — médica, doceira, cientista, pesquisadora, motorista, dentista, datilógrafa, babá, advogada, manequim, bibliotecária etc. — pode ser loira, negra, índia, amarela, branca, mulata etc.; e o homem — carpinteiro, dentista, advogado, jardineiro, motorista, garçon, office-boy, médico, lixeiro, contador, técnico de computador, programador visual, jornalista etc. — pode ser mulato, negro, amarelo, índio, branco, loiro etc.



Esse é um dos caminhos para alterar o padrão conservador do pacto semântico brasileiro onde, de maneira geral, as profissões, segundo o gênero (masculino, feminino), alimentam o machismo e, onde as profissões, segundo a cor, plantam e alimentam o racismo.

A criança deve ser conscientizada de suas possibilidades e a ela devem ser oferecidos os meios de mostrar suas potencialidades. Ela deve poder se identificar positivamente com outros brasileiros (semelhantes fisicamente) assim como se diferenciar dos demais, vendo-os todos como compatriotas e iguais. Ser igual aqui, significa ter *de fato* os mesmos direitos e deveres.

Para a realização desse projeto transformador da sociedade brasileira é necessário incentivar a produção da imagem positiva dos grupos, até aqui, excluídos da visão positiva da brasilidade. Reconhecer e utilizar o que já existe e que é objeto de pequenas edições de autores.

Não se justifica a representação da criança negra sempre caracterizada por seus lábios grossos, o nariz achatado exageradamente. Se um grupo étnico tem como características os lábios grossos ou o nariz achatado ou extremamente longo, isso não deve justificar a caricatura sistemática desses grupos. A caricatura e o deboche são nocivos para o surgimento da auto-valorização.

### Conceitos históricos de origem

Quanto aos conceitos históricos de origem — sem falarmos no aspecto mítico-religioso — nos limitaremos à formação da sociedade brasileira.

Será preciso somar o trabalho dos historiadores (brancos e negros) empenhados em destacar o lugar do negro na história do Brasil; será preciso conhecer

os índios e os amarelos que se sobressaíram na luta de seus grupos étnicos, para se escrever a história do Brasil. Será preciso admitir que muitas vezes uns lutaram contra os outros na defesa de seus direitos e interesses. A lição de liberdade de cada grupo étnico deve se tornar a lição de liberdade do povo brasileiro.

Na essência de nossa origem histórica está, não a desigualdade racial, mas, a diferença racial. Esta deve ser mantida e respeitada pela vontade de transformação consciente.

### Língua

Primeiro fator de unificação da população brasileira, nossa língua veio de Portugal, com toda a carga simbólica que a história daquele país lhe dera. Nós a incorporamos ao longo dos séculos sem muito espírito crítico. Do Galáico ao Português (do século XII ao XVI) a cultura portuguesa navegou muitos mares, submeteu alguns povos e submeteu-se a outros. Herdar essa língua é herdar suas abstrações, é dar vida às mesmas e saber o que temos em comum e o que nos separa. Marcar essa língua com nossa originalidade é aceitar conhecer essa originalidade: é nos sabermos negros, brancos, índios e amarelos e mudar a direção do leme, para descobrir a mesma América, o mesmo Brasil ao qual nós brasileiros podemos dar a dignidade de seu próprio rosto. Cabe-nos revolucionar a semântica e com ela o mercado de trabalho, a distribuição da renda, para não macaquearmos a semântica lusitana. Nossa língua é, por enquanto, exílio para muitos de nós.

Concluindo: nossa Constituição deve retratar nosso ideal de cultura, expresso em uma língua que queremos tornar efetivamente nossa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFRODIÁSPORA, Rio de Janeiro, Afrodiáspora, 2(3), 1983/84.
- BASSIT, A.Z.; CIAMPA, A.C. & COSTA, M.R. (org.) *Identidade: teoria e pesquisa*. São Paulo, EDUC, 1985. (Cadernos, PUC, 20)
- BRITES, O. A criança e a história que lhe é ensinada. *Revista Brasileira de História*, 5(10): mar./ago. 1985.
- CANDIDO, A. Literature and the rise of Brazilian national self-identity. *Luso-brazilian Review*, 5(1) jun. 1968.
- \_\_\_\_\_. A revolução de 1930 e a cultura *Novos Estudos — CEBRAP*, 2(4):27-36, abr. 1984.
- DEVEREUX, G. *Ethnopsychanalyse complémentaire*. Paris, Flammarion, 1972.
- FLETCHER, Ph.R. A repetência no ensino de 1º grau: um problema negligenciado da educação brasileira. *Revista Brasileira de Administração da Educação*, 3(1) jan./jun. 1985.
- HABERLY, D.T. *Three sad races-racial identity and national consciousness in Brazilian literature*. Cambridge/Londres/New York/New Rochelle/Melbourne/Sidney, Cambridge University Press, 1983.
- HASENBALG, C.A. 1976: As desigualdades sociais revisitadas. 1979.mimeo. [Trabalho apresentado no III Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 17 a 19 de outubro de 1979.]
- JUNG, C.G. (Miscelânea). *El hombre y sus símbolos*. Madri, Aguilar, 1966.
- LARAIA, R. de B. *Cultura — um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- LEACH, E. *Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Uma introdução ao uso da análise estruturalista em antropologia social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- LEITE, D.M. *Caráter nacional brasileiro: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos*. São Paulo, Ed. da USP, 1964. (Boletim de Psicologia, 230-7)
- LEVI-STRAUSS, C. *L'identité: Séminaire interdisciplinaire dirigé par Claude Levi-Strauss (1974-1975)*. Paris, Grasset, 1977.
- MOTTA, C.G. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 3. ed. São Paulo, Ática, 1977.
- MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. *Programa de Ação*. Belo Horizonte, 1984.
- MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO — D.F. *Reflexão sobre o negro e a educação — 1º e 2º Graus*. Brasília, Sindicato dos Professores do D.F., novembro, 1986.
- MOVIMENTOS sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, 1983. (Ciências Sociais hoje; 2).
- OLIVEN, R.G. A elaboração de símbolos na cultura brasileira. *Revista de Antropologia*, (26):107-18, 1983.
- OMORUYI, O. The identity question in plural societies: findings from Guyana. *Sociologist*, 2:150-61, Alemanha, 1976.
- ORTIZ, R. *Mestiçagem e identidade nacional*. Centro de Estudos Afro-Asiáticos — CEEA, 1983. Mimeo. [Comunicação apresentada ao III Congresso Internacional da ALADAA. Mesa: Presença da África no Brasil].
- PAULUS, J. *A função simbólica e a linguagem*. Rio de Janeiro, Eldorado, Tijuca, São Paulo, Ed. da USP, 1975.
- PEREIRA, J.B.B. Negro e cultura negra no Brasil atual. *Revista de Antropologia*, (26):93-105, 1983.
- PIAGET, J. *Epistemologia et psychologie de l'identité*. Miscelânea. Paris, PUF, 1968.
- \_\_\_\_\_. & INHELDER, B. *Da lógica da criança à lógica do adolescente*. São Paulo, Pioneira, 1976.
- PROJETO ZUMBI. *Debate: o negro e o sistema nacional de educação*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Assessoria para Assuntos Afro-Brasileiros e Departamento de Artes e Ciências Humanas, 1984.
- RODRIGUES, J.H. *Aspirações nacionais: interpretação histórico-política*. 4. ed. rev. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- SANTOS, Y.Lh. dos & GRANERO, M.C.V.M. *A influência dos meios de comunicação e dos livros didáticos, geradores de uma visão estereotipada e preconceituosa dos negros e dos índios do Brasil*. Rio de Janeiro, Centro de Estudos Afro-Asiáticos — CEEA, 1983. [Comunicação apresentada ao III Congresso Internacional da ALADAA. Mesa: Presença da África no Brasil-II/Educação alternativa e sociedade]
- SODRE, M. *A Máquina de Narciso* (Televisão, indivíduo e poder no Brasil). Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- SOUZA, N.S. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro, Graal, 1984. (Tendências, 4)
- ROUANET, S.P. *Imaginário e dominação*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978. (Diagrama, 9)
- TAP, P. (Direção). *Identités collectives et changements sociaux: production et affirmation de l'identité*. Miscelânea, Toulouse, Privat, 1978.
- TEODORO, L. *Fricote: swing: ensaio sócio-antropológico em ritmo de jazz*. Brasília, Thesaurus, 1986.
- TEODORO, M. de L. *Identités antillaise et brésilienne à travers les oeuvres de Aimé Césaire et de Mário de Andrade*. Paris, Universidade da Sorbonne, 1984. (Tese para o doutoramento de 3è. Cycle em Literatura Comparada).
- \_\_\_\_\_. *Problématique de l'identité: Aimé Césaire — Mário de Andrade*. Paris, Universidade da Sorbonne, 1980. (Dissertação para o diploma de Estudos aprofundados)
- TEODORO, H. *Cultura, religião e identidade*. São Paulo, PUC, 1984. mimeo. Texto de apoio. [Curso de palestras e estudos "Conscientização da cultura afro-brasileira". São Paulo; IPEAFRO - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros.]
- UNESCO. *L'affirmation de l'identité culturelle et la formation de la conscience nationale dans l'Afrique contemporaine*. Miscelânea. Paris, UNESCO, 1981.